



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

***BHAKTI-KĀRYA: ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA NA
PERSPECTIVA DA TRADIÇÃO BHĀGAVATA***¹

Marco Antonio de Lara

1-INTRODUÇÃO

O sistema de castas hindu, o qual teve em seu auge a base da formação social e política da Índia antiga, na era védica², é frequentemente alvo de críticas devido as injustiças sociais, abusos e dominação exploratória. Tais críticos, muitas vezes levados por uma impressão distante e anacrônica, a qual tenta explicar a parte por um todo³ e assinala a desconjuntura de um sistema que pende para a barbárie, em “grupos de *status*

¹ Dentro da intrincada e vasta ramificação de distintos saberes e filosofias nos *Vedas*, os textos de conhecimento da antiga civilização aryana, é apontada a *Bhagavad-gītā* como síntese conclusiva de todo saber (*siddhanta*), como aponta Thomas J. Hopkins em seu *The Hindu Religions Traditions* (HOPKINS apud GOSVĀMĪ, 1994), e o escritor Aldous Huxley (1894-1963) explicou que “a *Gītā* é um dos compêndios mais claros e completos da filosofia perene jamais escrito; daí seu permanente valor, não só para os indianos, se não para a humanidade inteira” (HUXLEY apud MAHADEVAN, 1991, p. 48). Juntamente com o *Bhāgavata Purāna*, tais textos exprimem de forma explícita a meta máxima de toda literatura dos *Vedas*: *vedaiś ca sarvair aham eva vedyo* – “de todos os *Vedas*, sou Eu [Kṛṣṇa, Deus supremo] quem deve ser conhecido” VYĀSADEVA, *Bhagavad-gītā*, tr. Svāmī Prabhupāda, BBT, São Paulo, 2001. – (Bg 15, 15). De tais afirmações temos o que se considera a religião monoteísta ao deus Kṛṣṇa ou vaiṣṇavismo, ou *Bhāgavata-dharma*. VYĀSADEVA, *Bhāgavata Purāna*, tr. Svāmī Prabhupāda, BBT, São Paulo, 1995. – (SB 6.3.19).

² De acordo com Arilson Oliveira (2008), cerca de 3100-1900 a.C.

³ De acordo com o antropólogo Louis Dumont (1911-1998), a teoria sobre as castas possui três explicações distintas (a explicação histórica, a voluntarista e a compósita), distribuídos em três épocas diferentes (século XIX, final do século XIX e a partir de 1945, respectivamente), distinguindo-se em três tipos: a indo-europeia, a racial e a difusionista. Onde todos estes tentavam “fazer o todo provir da parte. Além disso, todas as teorias que passamos em revista (...) tentam compreender a casta de algum modo imediato, a partir de nossa própria civilização” (DUMONT apud OLIVEIRA, 2008, p. 10).

fechados” (WEBER, 1987), totalmente apartado de um sofisticado sistema filosófico e religioso que é ignorado.

Nosso objetivo neste trabalho é o de buscar as fundamentações escriturais para o sistema de castas hindu em suas origens escriturais. Como é que tal sistema de castas, ou sociedade organizada através dos princípios constitutivos intrínsecos (*dharma*) de *varṇa* (classes sociais) são estabelecidos e anunciados dentro dos *śāstras* védicos e interpretados pela mesma tradição? Por que tal sistema teria supostamente se degradado nos últimos séculos⁴, levando a sociedade hindu – especialmente a parte menos favorecida em termos de linhagem –, a uma opressora segregação e estratificação unilateral, abusando e rotulando a maior parte da população em termos do nascimento seminal sem qualquer possibilidade de mobilidade?

2- DESENVOLVIMENTO

2.1-Varṇāśrama-dharma

Na *Bhagavad-gītā*, o texto que resume toda a filosofia e religiosidade nos *Vedas*, Kṛṣṇa diz: “O sistema de quatro castas foi criado por Mim de acordo com a distribuição e a qualidade de seus atos. Embora Eu seja o criador disso (o sistema), Sou conhecido como o eterno que não age” (*Bg* 4.13)⁵. Neste verso o próprio Śrī Kṛṣṇa, a divindade suprema⁶, se aponta como a fonte original e criador do sistema de *varṇāśrama*, apesar da divindade permanecer a parte de tal criação. Apontando assim para uma formação divina

⁴ “Quando consideramos as sociedades modernas da Europa, qualquer beleza existente nessas sociedades depende do *varṇāśrama* natural que existe dentro delas. Na Europa, os que têm a natureza de comerciantes gostam de negociar e, assim, avançam no comércio. Aqueles que têm a natureza de *kṣatriyas* adotam a vida militar e aqueles que têm a natureza de *śūdras* amam fazer o serviço braçal” (BHAKTIVINODA apud ROSEN 2007, p. 105). Mas Bhaktivinoda é crítico do sistema de castas vigente, especialmente porque este aponta para o nascimento como o critério de seleção do próprio *varṇa*. Ele escreve que o sistema de *varṇa* original é puro e baseado em princípios científicos (*vaijñānika*). Ele escreve ainda que a partir do tempo do *Mahābhārata* (cerca de cinco mil anos atrás), o sistema tornou-se corrupto e desviou de sua finalidade original, ou seja, ajudar as pessoas a desenvolver gradualmente o amor por Deus. Bhaktivinoda chama o sistema original, o qual é centrado em princípios espirituais, *daivī-varṇāśrama* (*varṇāśrama* divino) - muito longe, diz ele, do corrente sistema de castas de hoje em dia (ROSEN, 2007, p. 105).

⁵ Tradução do sânscrito de Winthrop Sargeant (2009).

⁶ Tal proposição, além de ser corroborada na própria obra (*Bg* 10, 8; 4, 6; 14, 27), também é aceita por eminentes autoridades no pensamento védico tais como Rāmānuja, Mādhva, Śaṅkarācārya, Śrī Caitanya Mahāprabhu, etc. Dessa forma, Śrī Kṛṣṇa é apontado como o Deus supremo e absoluto pelos seguidores dos *Vedas*.

e não-humana de tal distribuição e funções no corpo social, de acordo com as disposições psíquicas adquiridas por cada indivíduo em contato com a plataforma material por meio da influência dos *gunas*.

O elemento determinante na plataforma subjetiva a impulsionar as ações é a influência dos três *gunas*, ou os modos da natureza material que permeiam todos os elementos e corpos dentro da estrutura fenomênica⁷, em suma, o que caracteriza o elemento substancial sutil do qual se perfaz a totalidade dos universos seriam esses três *gunas* ou modos da natureza material.

[...] natureza material ou *prakṛti*, composta pelos três *gunas* é descrita, embora o termo *gunas* seja às vezes traduzido como "qualidade", um olhar mais profundo irá nos revelar que o conceito dos *gunas* é um pouco mais sutil, que estes são entidades ou substância e não meras qualidades. Os *gunas* não apenas caracterizam a natureza sutil e grosseira do ser vivo, mas também o confinam ativamente em vários tipos de condicionamentos. Como tal, cada *guna* obriga a entidade viva de uma maneira particular (...). Os *gunas* não apenas limitam, mas abrem uma espécie de caminho existencial para cada entidade individual (THEODOR, 2010, p. 112).

A palavra *guna* pode ser traduzida como “laço”⁸, “cordas” ou “grilhão”, no sentido de que eles atam a vontade da entidade vivente – ao menos para este propósito específico dentro dos *varnas* – e conseqüentemente a suas respectivas ações por influência⁹.

Isso é apontado no verso *Bg* 4.13 supracitado, que por meio de determinado *guna* se desenvolve a vocação por cada trabalho (*karma*) específico, dessa forma, devido à influência singular de um *guna* específico em que a entidade viva entrou em contato em sua vida pretérita (*Bg* 13, 21-22)¹⁰, se disponibiliza suas aptidões e natureza para determinadas atividades, isentando a participação direta de Deus na ação:

⁷ “A natureza material consiste em três modos — bondade, paixão e ignorância. Ao entrar em contato com a natureza, ó Arjuna de braços poderosos, a entidade viva eterna é condicionada por esses modos” (*Bg* 14.5).

⁸ Dicionário Sânscrito-Inglês Hypertext *online*, disponível em <http://spokensanskrit.de/>. Acessado em 25 jun 2014.

⁹ Tal teoria encontra pontos de similitude ecoados em Platão, onde cada indivíduo não passaria de um boneco manipulado pelos deuses, a partir de um emaranhado de fios que movimentariam as paixões mundanas, aproximando-as dos vícios ou das virtudes conforme a direção divina ou de seus movimentos aleatórios (*Leis* 644e-645b).

¹⁰ “Está dito que a natureza produz todas as causas e efeitos materiais, ao passo que a entidade viva é a causa dos vários sofrimentos e prazeres deste mundo. Dessa forma, a entidade viva dentro da natureza material segue os caminhos da vida, desfrutando os três modos da natureza. Isto decorre de sua

VII Simpósio Nacional de História Cultural
Anais do Evento

Os *brāhmaṇas*, com o predomínio de *sattva* [bondade], executam atividades como o controle dos sentidos e da mente. Os *kṣatriyas*, que têm predominância de *rājas* [paixão] e *sattva*, executam ações como caridade para o bem estar público e atos de heroísmo. Os *vaiśyas*, predominantemente controlados por *tamas* [ignorância] e *rājas*, trabalham com agricultura e criam vacas. Os *śūdras*, com predomínio de *tamas*, servem aos outros. Eu crio este sistema de quatro *varṇas* divididos segundo os *guṇas* e atividades de acordo com o caminho do *dharma* (THĀKURA, 2003, p. 158).

O corpo universal é comparado metaforicamente com uma forma imaginária gigantesca da pessoa divina, sendo descrita como *virāṭ-rūpa* (SB 2.1.24 e Bg 11) ou forma universal, onde se situam todos os elementos empíricos e fases do tempo dentro do universo. Nesta forma universal conceitual se encontram as quatro divisões sociais da seguinte maneira:

Em Tretā-yuga¹¹ as quatro ordens sociais se manifestam da forma universal da Personalidade de Deus. Os *brāhmaṇas* aparecem do rosto do Senhor; os *kṣatriyas*, dos braços do Senhor; os *vaiśyas*, das coxas do Senhor; e os *śūdras*, das pernas daquela poderosa forma. Cada divisão social é reconhecida por seus deveres e comportamento particulares (SB 11.17.13).

A seguir, exporemos um quadro com as seguintes divisões do *varṇa*, a divisão social védica como encontrada no *Bhāgavata Purāṇa*¹², o *purāṇa sattvico*, que fundamenta a visão *bhāgavata* de mundo, ostentando “a autêntica visão Gaudīya¹³”. Em

associação com essa natureza material. Assim, ela se encontra com o bem e o mal entre as várias espécies de vida”.

¹¹ A segunda era e acordo com o cálculo védico que se dividem da seguinte forma: “Pelo cálculo védico, esta [nossos dias atuais] que seria apenas a aurora do Kali Yuga, ou a idade atual de desavenças e hipocrisia. Há três eras anteriores a essa – com a duração de 1.728 mil anos (Satya Yuga), com a duração de 1.296 mil anos (Treta Yuga) e com a duração de 864.000 anos (Dvapara Yuga). A que estamos agora – Kali-Yuga – dura apenas 432 mil anos, dos quais já se passaram cinco mil. Cada um desses ciclos de *yuga* movimentam-se como os meses do calendário, partindo de Satya, o melhor, para Kali, o pior. Repetindo-se por várias vezes. A soma total de uma *divya-yuga*, ou uma série de quatro *yugas*, trata de algo como 4.320 mil anos (ROSEN, 1990, p. ?).

¹² Todos os demais *Purāṇas* glorificam o *Bhāgavata Purāṇa* dividido em 12 tomos ou Cantos, já o próprio *Śrīmad-Bhāgavatam* (*Bhāgavata Purāṇa*) se autoproclama como o fruto maduro de toda a árvore dos desejos que são o conhecimento védico (*nigama-kalpa-taror galitaṃ phalaṃ SB 1.1.3*). O filósofo e santo medieval Jiva Gosvāmī, em seu tratado de seis volumes, *Ṣaḍ Sandarbhas*, demonstra através da análise feita ao verso *ete cāmśa-kalāḥ puṃsam* (SB 1.3.28) – o verso imperador – em seu *Kṛṣṇa Sandarbha* como Śrī Kṛṣṇa é *svayaṃ bhāgavam* ou a fonte de todos os outros *avatāras*, elegendo assim o objetivo último e meta final de todo o conhecimento.

¹³ HOSPITAL, 1992, p. 62.

um diálogo entre o devotado Uddhava e o próprio Kṛṣṇa (SB 11. 17. 16-19), discorre-se acerca das qualidades de trabalho gerais de cada membro do *varṇa*.

BRĀHMAṆĀS	
Qualidades	Tranquilidade, autocontrole, austeridade, limpeza, satisfação, tolerância, retidão simples, devoção a Mim, misericórdia e veracidade (SB 11.17.16).
KṢĀTRIYAS	
Qualidades	Poder dinâmico, força corpórea, determinação, heroísmo, tolerância, generosidade, grande esforço, estabilidade, devoção aos <i>brāhmaṇas</i> e liderança (SB 11.17.17).
VAISYAS	
Qualidades	Fé na civilização védica, dedicação à caridade, estar livre da hipocrisia, serviço aos <i>brāhmaṇas</i> e sempre desejar acumular mais dinheiro (SB 11.17.18).
ŚŪDRAS	
Qualidades	Serviço prestado sem duplicidade aos <i>brāhmaṇas</i> , às vacas, aos semideuses e a outras personalidades adoráveis, e completa satisfação com qualquer renda obtida em tal serviço (SB 11.17.19).

Fonte: SB 11.17.16-19.

Lembrando que a tal estratificação desprovida de mobilidade no sistema de *varṇa* seria um produto recente, pois dentro de tal sociedade a posição do indivíduo não é aceita em sua origem por meio de seu nascimento seminal, mas antes de acordo com suas qualificações como explica Kṛṣṇa: “Se em seu comportamento alguém apresenta as acima descritas características de *brāhmaṇa*, *kṣatriya*, *vaiśya* ou *śūdra*, mesmo que ele tenha aparecido em alguma classe diferente, deve ser aceito de acordo com os sintomas qualificadores (SB 7.11.35).

De acordo com a visão dos seguidores dos *Vedas*, a estruturação e *práxis* do sistema de *varṇāśrama* é de cunho universal e objetiva, tendo se degradado na era atual,

porém as suas sombras e traços se esgueirariam mesmo em nossas atuais sociedades, como descreve Svamī Prabhupāda:

Ela é como o sol, uma criação de Deus, e por isso perdurará. Quer coberto pelas nuvens, quer visível no céu claro, o sol continuará a existir. Analogamente, quando o sistema de *varṇāśrama* se degrada, ele aparece como um sistema de castas hereditário, mas, em toda a sociedade, há uma classe inteligente de homens, uma classe marcial, uma classe mercantil e uma classe trabalhadora. Quando elas são reguladas para a cooperação entre comunidades, de acordo com os princípios védicos, então há paz e avanço espiritual. Porém, quando há ódio, abuso e desconfiança mútua no sistema de castas, todo o sistema se degrada, e, como se afirma aqui, isso cria um estado deplorável. Atualmente, o mundo inteiro está nesta condição deplorável por dar direitos a tantos interesses. Isto se deve à degradação das quatro castas de *varṇas* e *āśramas* (SB 3.21.52-54 sig).

O objetivo último de tal divisão social não era apenas a paz e a harmonia devido à interação e a função específica de cada indivíduo num âmbito coletivo, o projeto social ariano não possui apenas um fim em si mesmo, ele é muito mais ousado e na verdade almeja a superação de tais condicionamentos e estereótipos, conduzindo seus agentes de forma indireta a uma vida progressista ao encontro de *mokṣa* (liberação).

Meu querido rei, os *brāhmaṇas* versados em conhecimento védico proferiram o veredicto de que, em cada era [yuga], o fato de diferentes categorias de pessoas comportar-se de acordo com o modo da natureza material que as caracteriza é auspicioso tanto nesta vida quanto o é após a morte. Se a pessoa atua em sua ocupação de acordo com sua posição nos modos da natureza e gradualmente deixa essas atividades, ela alcança a fase de *niṣkāma* [sem desejos] (SB 7.11.31-32).

Como também corroboram esse mesmo ponto os discípulos de A. C. Bhaktivedanta Svāmī em seus comentários ao *Śrīmad-Bhāgavatam* com relação ao propósito último do sistema de *varṇāśrama-dharma*:

A entidade viva nasce com certa quantidade de inteligência, beleza e oportunidade social, e situa-se, portanto, numa posição ocupacional e social particular dentro do sistema *varṇāśrama*. Em última análise, tais posições são designações externas, mas como a maioria dos seres humanos está condicionada pela energia externa do Senhor, eles devem agir conforme as científicas divisões *varṇāśrama* até alcançarem a etapa de *jīvan-mukta*, ou vida liberada (SB 11.17.15 sig).

No *Bhāgavata Purāṇa* (SB 3.21.49-57) descreve-se o encontro e diálogo entre o sábio Kardama Muni, um *yogī* e *brāhmaṇa*, filho mental do deus autógeno Brahmā (SB 3.21.4) e Svāyambhuva Manu, um *kṣatriya*, provável autor dos códigos do *Manu-*

samhitā, descrito como o primeiro monarca (*ādi-rājah*) – 3.21.45-47 – que ao chegar ao eremitério e “Após receber a atenção do sábio, o rei sentou-se e ficou silencioso. Recordando-se das instruções do Senhor, Kardama então falou ao rei da seguinte maneira, deleitando-o com sua doce voz” (SB 3.21.49).

Tal diálogo será reproduzido a fim de demonstrar e expor o *dharma* ou os deveres e atividades dos indivíduos superiores no sistema sócio-político védico. Primeiramente o sábio Kardama, o anfitrião, irá caracterizar a posição de um *kṣatriya*. Tais injunções estabelecem o monarca como àquele que está incumbido de dar proteção¹⁴ aos membros desprotegidos da sociedade.

De acordo com a teologia da *Bhagavad-gītā*, quando Kṛṣṇa descende de tempos em tempos, ele tem como função específica a de restaurar o *dharma* e desobstruir os elementos conflitantes a este (Bg 4.7)¹⁵, tal função também é delegada a sua figura representativa na posição de um *kṣatriya*, o que transcreve uma monarquia divina e representativa já na Índia antiga: “Quando necessário, assumes o papel do deus do sol; do deus da lua; de Agni, o deus do fogo; de Indra, o senhor do paraíso; de Vāyu, o deus do vento; de Yama, o deus da punição; de Dharma, o deus da piedade; e de Varuṇa, o deus que preside as águas. Todas as reverências a ti, que não és diferente do Senhor *Viṣṇu*!” (SB 3.21.51).

Viśvanātha Cakravartī explica a belíssima poesia metafórica contida na passagem acima, a qual atesta as diferentes proezas virtuosas do herói da seguinte maneira:

Você inteiramente (*ā*) aceita as formas do sol e outros de uma maneira adequada (*sthāne*). Você é o sol por causa de sua majestade. Você é a lua por causa de sua fama. Você é fogo por causa de sua invencibilidade. Você é Indra por causa de vossa senhoria. Você é Vāyu porque você entra em todos os lugares. Você é Yama porque você puni o pecador. Você é Dharma porque você protege os justos. Você é Varuṇa porque você é profundo e tem um tesouro escondido (ṬHĀKURA, SB 3.21.51 sig.).

¹⁴ De acordo com Svāmī Prabhupāda: “Das quatro ordens de divisão social, a segunda ordem, designada para que haja boa administração, é chamada de *kṣatriya*. *Kṣat* significa lesado. Quem protege contra danos é chamado de *kṣatriya* (*trāyate* — dar proteção)” (Bg 2.31 sig.).

¹⁵ “Sempre e onde quer que haja um declínio na prática religiosa, ó descendente de Bhārata, e uma ascensão predominante de irreligião — aí então Eu próprio descendo”.

O verso seguinte descreve o poder sobrenatural do *kṣatriya* e sua função coerciva no intuito de estabelecer a paz.

Se não montasses tua vitoriosa quadriga¹⁶ coberta de joias, cuja mera presença ameaça os criminosos, se não produzisses furiosos sons com a vibração de teu arco e se não vagasses pelo mundo como o sol brilhante, liderando um imenso exército cuja marcha faz o globo da Terra tremer, então todas as leis morais que governam os *varṇas* e *āśramas* criados pelo próprio Senhor seriam violadas por canalhas desprezíveis. (SB 3.21. 52-54).

Assim como o braço executa as atividades de força, proteção e articulação mecânica para o corpo. Quer seja agarrando, empurrando, erguendo, etc., e especialmente protegendo com defesas o corpo; o *kṣatriya* é aquele que vai defender as outras partes do corpo de ameaças externas tais como ladrões, animais selvagens e outros conquistadores. Outra de suas atividades é a de imprimir a função do poder executivo, fazendo que cada membro se ocupe em seu dever prescrito de acordo como estas são ditadas pelos *śāstras*: “Se parasses de preocupar-te com a situação mundial, a injustiça floresceria, pois os homens que anseiam somente por dinheiro não encontrariam oposição. Esses canalhas atacariam e o mundo pereceria” (SB 3.21.55).

O Capítulo seguinte do *Purāṇa*, intitulado “O Casamento entre Kardama e Devahūti” dá continuidade ao tema da formação dos pilares de uma sociedade harmônica e progressista por meio do relacionamento de *bhakti-kārya* logo em seus primeiros versos.

A palavra *bhakti-kārya* semanticamente é entendida como ação amorosa, ou uma parceria visando o bem-estar holístico de maneira isonômica no âmbito do Estado. Tal acepção é analisada por Svāmī Prabhupāda da seguinte maneira:

Antigamente era habitual os sábios visitarem os reis e os reis visitarem os sábios em seus eremitérios. Cada um tinha prazer em satisfazer o desejo do outro. Esta relação recíproca chama-se *bhakti-kārya*. Há um excelente verso que descreve a relação de benéfico interesse mútuo entre o *brāhmaṇa* e o *kṣatriya* (*kṣatram dvijatvam*). *Kṣatram* significa "a ordem real", e *dvijatvam* significa "a ordem bramínica." As duas destinavam-se ao interesse mútuo. A ordem real protegia os *brāhmaṇas* para o cultivo de avanço espiritual na sociedade, e os *brāhmaṇas* davam suas valiosas instruções à ordem real, sobre como o estado e os cidadãos podem ser gradualmente elevados em perfeição espiritual (SB 3.21.56 sig.).

¹⁶ Carro de guerra semelhante a uma biga. Enquanto a biga supostamente possuía duas rodas, a quadriga possuía quatro rodas e um condutor a mais.

Vamos então à sequência de versos deste Capítulo 22:

Śrī Maitreya disse: Após descrever a grandeza das múltiplas qualidades e atividades do imperador, o sábio ficou silencioso, e o imperador, sentindo modéstia, dirigiu-se a ele da seguinte maneira. Manu respondeu: Para expandir-se sob a forma do conhecimento védico, o Senhor Brahmā, o *Veda* personificado, criou-vos de seu rosto, ó *brāhmaṇas*, que sois repletos de austeridade, conhecimento e poder místico e que sois aversos ao gozo dos sentidos (*SB* 3.22.1-2).

Neste verso 2, Svāyambhuva Manu elenca as qualidades de trabalho com que atuam os *brāhmaṇas*. Devido a estes serem os mais virtuosos e temperantes, eles se assemelham ao rosto da *virāt-rūpa*. No verso abaixo é ditado à relação cooperativa entre os braços e a cabeça, os *brāhmaṇas* e os *kṣatriyas*, perfazendo o manancial do equilíbrio a ser atingido pelo corpo social em comunhão com a divindade suprema.

Para a proteção dos *brāhmaṇas*, o Ser Supremo de mil pernas criou a nós, os *kṣatriyas*, a partir de Seus mil braços. É por isso que se diz que os *brāhmaṇas* são Seu coração e os *kṣatriyas*, Seus braços. É por isso que os *brāhmaṇas* e os *kṣatriyas* protegem-se uns aos outros, bem como a si mesmos. E o próprio Senhor, que é tanto a causa quanto o efeito e todavia é imutável, protege-os um através do outro (*SB* 3.22.3-4).

Aqui se expressa o ideal de organização sócio-política védica: teocêntrica, harmônica e completamente cooperativa entre as castas. Onde as partes superiores, os *brāhmaṇas* e os *kṣatriyas*, se protegem e estes por sua vez, pela intervenção da divindade suprema que satisfeita com tal cooperação, cuidaria de ambos.

Quando os agentes individuais de certo sistema social deixam de apenas competir por sua subsistência e se veem dentro de um sistema integral, absorvendo-se no cuidar da outra parte, alcança-se o objetivo de equilibrar uma unidade em meio a toda uma diversidade.

Com o abandono de fins egoístas como a cobiça e o lucro exacerbado a todo custo para se trocar por uma segurança efêmera e uma felicidade sensível e temporária; almejando tornar-se um elemento participativo e altruísta, totalmente desinteressado, constrói-se uma sociedade que deposita seu *telos* em fins transcendentais. “Toda a estrutura social de *varṇa* e *āśrama* é um sistema cooperativo destinado a elevar todos a mais elevada plataforma de compreensão espiritual. Os *brāhmaṇas* destinam-se a ser protegidos pelos *kṣatriyas*, que, por sua vez, destinam-se a ser iluminados pelos *brāhmaṇas*” (*SB* 3.22.54 sig).

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1- *Kalau Śūdra-sambhavaḥ*

Por meio dessas esclarecedoras passagens do *Bhāgavata Purāṇa* consegue-se vislumbrar como seriam as diretrizes teóricas de um corpo social em perfeita saúde de acordo com a cultura dos *Vedas*. Um modelo que se adequa aos padrões das civilizações antigas: religiosa, dualista e idealista, exposta pela leitura de um de seus mais importantes cânones, podemos observar uma sociedade que trabalha e se articula com as diferentes propensões de seus indivíduos com o objetivo de satisfazer o Supremo, um ponto fixo em comum e não o relativo e diversificado ponto pessoal do egoísmo. A tentativa de aplicar um modelo destes em nossos tempos atuais pelos supostos seguidores dos *Vedas*, mesmo se adaptado a um estado laico e secular e reservando suas devidas proporções, não alcançaria a porcentagem de êxito algum.

Primeiramente, o pressuposto sucesso de tal formação estaria no indivíduo, ou seja, de acordo com o *guṇa* a influenciar cada sujeito, do qual se denotaria o predicado de seu *karma* ou ocupação. Dessa forma, uma sociedade dividida em *varṇa* necessitaria impreterivelmente de pessoas com suas naturezas psíquico-físicas muito bem definidas, exatamente como os *Vedas* apresentam¹⁷ na condição de seus sujeitos em eras passadas, especialmente em *Tretā* e *Dvāpara Yugas*. Porém, os sujeitos, em nossa contemporaneidade, vêm assumir sua emancipação através da individualidade (HERVIEU-LÉGER, 2008) como ocorre nas sociedades modernas, por não terem uma bandeira ideológica que aglutina (como a religião), não estando mais integrado como um membro ativo e cooperativo a toda uma única e imensa unidade social.

¹⁷ Na *Bhagavad-gītā*, no 18º Capítulo, versos 40 a 45, Kṛṣṇa faz uma satisfatória análise das qualidades de cada membro do sistema de *varṇa* da seguinte maneira: “Aqui ou entre os semideuses nos sistemas planetários superiores, não existe ser algum que esteja livre destes três modos nascidos da natureza material. Os *brāhmaṇas*, os *kṣatriyas*, os *vaiśyas* e os *śūdras* distinguem-se pelas qualidades que nascem de suas próprias naturezas de acordo com os modos materiais, ó castigador do inimigo. Tranquilidade, autocontrole, austeridade, pureza, tolerância, honestidade, conhecimento, sabedoria e religiosidade — são estas as qualidades naturais com as quais os *brāhmaṇas* agem. Heroísmo, poder, determinação, destreza, coragem na batalha, generosidade e liderança são as qualidades naturais das atividades dos *kṣatriyas*. A agricultura, a proteção às vacas, e o comércio são as atividades naturais dos *vaiśyas*, e os *śūdras* devem executar trabalho e serviço para os outros. Sujeitando-se às qualidades de seu trabalho, cada um pode tornar-se perfeito”.

Para que a sociedade *varṇāśrama* respire e se articule de maneira precisa e efetiva há a necessidade de uma sistemática e bem paramentada distinção das qualidades do ator social em seu meio. O qual requer uma classe de homens bem situada, estabelecidos e delimitados – que não contenham apenas vestígios – em *sattva-guṇa* (modo da bondade); homens situados com maior predominância de *rāja-guṇa* (modo da paixão); pessoas em uma predominância de *rājas* e uma dosagem de *tamas* (modo da ignorância) e outra classe com uma maior propensão tamásica. Em outras palavras, atores sociais dotados de uma moral ideal, com relação as classes superiores.

Quando olhamos para o humano, em nossos dias atuais, o que mais contemplamos é uma fauna caótica e mesclada. Longe de encontrar indivíduos, tanto no âmbito particular quanto coletivo, com os sintomas mencionados pela teoria dos *guṇas*, predominantemente situados nos modos superiores, organizados de forma metódica e selecionada a se disporem de maneira total e uniforme. Em nossa contemporaneidade, sobressaem-se as várias formas de controle pela via de vários grupos, as diversas formas de abuso e exclusão, juntamente com as desigualdades nos países não desenvolvidos. As distâncias culturais e informacionais foram encurtadas pelos avanços tecnológicos e pelo mercado global de consumo, mas ao mesmo tempo, tais supostos avanços execraram a distância do indivíduo e entre os indivíduos.

De acordo com os *Vedas*, em detrimento a tais conjecturas, o *varṇa* e o *aśrama* se degradingariam para o famigerado sistema de castas, e ao invés de possuir virtudes, muitos de seus membros de fantoche acabam demonstrando apenas ostentação e manipulação. “Os *brāhmaṇas* nascidos na era de Kali são meramente *śūdras*. Seu chamado caminho védico do *karma* é poluído e não pode purificá-los. Eles só podem ser purificados por seguir o caminho das *agamas* ou *pāñcarātrika-viddhi*” (*Viṣṇu Yāmala*).

Bhaktivedhanta Svamī, desenvolvendo tal ponto, tece a seguinte crítica à sociedade hindu, e indiana de um modo geral, por terem se tornado esse grande fantasma que copia, após as assim chamadas “invasões bárbaras”:

Desde que a Índia tornou-se dependente de países estrangeiros, as influências específicas de suas ordens sociais se perderam; agora, de acordo com as escrituras, todos são *śūdras*. Os supostos *brāhmaṇas*, *kṣatriyas* e *vaiśyas* esqueceram-se de suas atividades tradicionais, e, devido à ausência dessas atividades, eles são chamados de *śūdras*. As escrituras dizem que *kalau śūdra-sambhavaḥ*. Na era de Kali, todos serão como *śūdras*. Os tradicionais costumes sociais não são seguidos nesta era, embora antigamente fossem seguidos estritamente. (*SB* 3.22.16 sig.).

Mesmo na Índia do século XX, motivada por preocupações concernentes à religião, devido a certa leitura do hinduísmo e influência de Gandhi, porém, estando mais atrelada aos interesses gerais sobre identidade historiográfica (mais em uma perspectiva empírica) e ideológica, poder político e participação econômica¹⁸ (RAM-PRASAD, 2003), se veem apenas sombras opacas refletidas nas paredes de uma caverna debilmente iluminada pela fogueira de uma antiga e longínqua tradição.

A narrativa *bhāgavata* também ruma para um decréscimo e bancarrota do sistema de *varṇa* na descrição das atividades de Parīkṣit Mahārāj, devido a este ser permissivo com a personalidade de Kali, o que daria início a atual era de Kali. Quando o monarca em sua viagem de reconhecimento e proteção ao reino, é amaldiçoado pela fúria de um imaturo menino *brāhmaṇa* (*SB* 1.19.10-50), o elo de amizade e cooperação entre a classe sacerdotal (*brāhmaṇas*) e a classe beligerante (*kṣatriyas*) começaria a se dissolver paulatinamente a partir deste ponto até chegar em nossos dias atuais.

Desde então os braços e a cabeça desse corpo social passam a se desfigurar, sobrando apenas à cintura, o estômago e as pernas. Exatamente neste ponto podemos traçar um paralelo e crítica em relação com nossa atual sociedade. Uma civilização de pernas e estômago, que tem como sua busca principal a esperteza em conseguir dinheiro (*arthopacayaiḥ*) e a capacidade de apenas reproduzir e se submeter a modelos impostos, esquecendo-se de indagar sobre *o que é e quais* são os valores mais profundos e o grande mistério da vida. A tal modelo civilizatório, mesmo que hipoteticamente, seria pouco provável a aplicabilidade de um modelo que exige homens tão refinados e sincronizados entre si, desprovidos de cobiça e desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Mariana F. B. **Entre o arado e o celular, a Índia.** Identidade e Contradição na indústria tecnológica. [Dissertação de mestrado]. Campinas: IFCH UNICAMP; 2012.

ARISTÓTELES. **A Política.** Tradução de Torrieri Guimarães. Curitiba: Editora Hemus, 2005.

¹⁸ Com esse propósito se constata a formação do *Hindutva* em meados da década de 80 como tentativa política de unir a Índia em torno do hinduísmo (ALVES, 2012).

OLIVEIRA, Arilson S. **A Sacralidade das Castas Indianas sob o Olhar Dumontiano.** *Anthropológicas*, ano 12, vol 19(2): 7-34, 2008.

PLATÃO. **Leis.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal, 1980.

BHAKTIVEDANTA VedaBase-Folio. **Bhaktivedanta Archives** – Acarya –. Sandy Ridge, 2012. 1 CD-ROM.

GOSVĀMĪ, Satsvarūpa Dāsa. **Introdução a filosofia védica.** A Tradição Fala por Si Mesma. São Paulo: BBT, 1994.

HERVIEU-LÉGER. Danièle. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOSPITAL, Clifford. **Vaiṣṇavism:** Contemporary Scholars Discuss the Gauḍīya Tradition. In ROSEN, J. Steven (Org). New York: Folk Books, 1992. p. 61-76.

MAHADEVAN, T.M.P. **Invitación a la filosofía de la India.** México DF: Fondo de Cultura Económica, 1991

RAM-PRASAD, C. **The Blackwell companion to hinduism.** London: MPG Books, 2003.

ROSEN, Steven J. *Krishna's Song, A New Look at the Bhagavad Gita.* Westport: Praeger Publishers, 2007. ROSEN, Steven J. **“Om Shalom”.** New York: Folk Books, 1990.

THEODOR, Ithamar. **Exploring the Bhagavad Gītā: Philosophy, structure and meaning.** London: Ashgate, 2010.

VYĀSADEVA, Kṛṣṇa Dvaypāina. **Bhagavad-gītā.** Por Svāmī Prabhupāda. “O Bhagavad-gītā como Ele é”. 3 ed. São Paulo: BBT, 2001.

VYĀSADEVA, Kṛṣṇa Dvaypāina. **Bhagavad-gītā.** Translation by Winthrop Sargeant. Albany: New York Press, 2009.

VYĀSADEVA, Kṛṣṇa Dvaypāina. **Bhagavad gītā.** By Śrīla Viśvanātha Cakravartī Ṭhākura. Sārārtha-Varṣiṇī-Tīkā. Chennai: Sri Vaikuntha Enterprises, 2003.

VYĀSADEVA, Kṛṣṇa Dvaypāina. **Bhāgavata purāṇa.** Por Svāmī Prabhupāda. “Śrīmad-Bhāgavatam”. São Paulo: BBT, 19 tomos, 1995.

WEBER, Max. **Ensayos sobre sociología de la religion.** Madri: Taurus, 1987. t. 1/2.